

A Era pré-cristã – Filosofia

O pensamento pré-socrático

A história da filosofia encontra seu principal divisor de águas em Sócrates pois é inegável a mudança na forma de pensar após a entrada do Filósofo no debate. Se antes do ateniense entrar na discussão, o debate girava em torno de temas por demais elementares, com sua chegada os diálogos passam a um processo de imersão em diversas áreas simultâneas, com os grandes intelectuais do mundo grego debruçando-se sobre temas de estudo em uma primeira grande movimentação de especialização, onde passa-se a estudar especificamente a geometria, arquitetura, física, ética... Um exemplo excelente dessa ruptura na História da Filosofia se vê no clássico *O banquete*, onde durante uma festa na casa de Agatão, é proposto a todos os participantes o louvor a Eros, o deus do amor.

“Não é estranho, Erixímaco, que para outros deuses haja hinos e peãs, feitos pelos poetas, enquanto que ao Amor todavia, um deus tão venerável e tão grande, jamais um só dos poetas que tanto se engrandeceram fez sequer um encômio?”

E prossegue:

Acho que cada um de nós, da esquerda para a direita, deve fazer um discurso de louvor ao Amor, o mais belo que puder.

Seguem-se os discursos e são neles mesmos que se encontram o enredo da obra, e como em todos os diálogos que envolvem Sócrates, não apenas a sabedoria do filósofo é exposta por sua própria apresentação de temas diversos, como também (e principalmente) a fala dos interlocutores servem de degraus para a exaltação da grandeza socrática. No início do *O banquete*, por exemplo, há uma informação curiosíssima que pode passar desapercebida por um leitor descuidado: ao caminhar pela estrada, Sócrates é reconhecido por Aristodemo que lhe pergunta para onde está indo, ao que o filósofo lhe responde estar indo para uma festa na casa de Agatão, e convida Aristodemo para ir também. Sem jeito, o agora companheiro de caminhada diz que não foi convidado e, assim, só aceita ir com a condição de que, chegando lá o próprio Sócrates anuncie o penetra e tome para si a responsabilidade pelo convite. Acontece que ao chegar próximo da casa onde se daria a festa, Sócrates se detém pelo caminho, diz o texto “Sócrates então, como que ocupando o seu espírito consigo mesmo, caminhava atrasado, e como o outro se detivesse para aguardá-lo, ele lhe pede que avance.” Eis aqui a essência da estratégia retórica socrática, “como que ocupando o seu espírito”... o filósofo atrasou o passo de propósito! Sócrates não tinha como convidar outro para ir à festa, assim o convidou e enquanto caminhavam pensou em uma estratégia para fugir da gafe de chegar com um penetra na festa, e tramou para que o próprio penetra chegasse primeiro em uma situação que não fosse vexatória a nenhum dos dois, e a estratégia do filósofo se mostrou acertadíssima pois sendo Sócrates conhecido por ser um grande observador, quando Aristodemo chega sozinho na festa o anfitrião lhe diz “Em boa hora chegas para jantares conosco. Mas... e Sócrates, como é que não no-lo trazes?” Aristodemo responde que estava vindo justamente com ele, mas que não percebeu que haviam se separado. “Mas onde está esse homem?”, pergunta Agatão. “Há pouco ele vinha atrás de mim; eu próprio perguntei espantado onde estaria ele”.

Assim o leitor prossegue por toda a filosofia socrática, encontrando a verdade em meio ao sofisma. Sócrates não é um doutrinador, mas questionando apropriadamente seus interlocutores, faz com que seus atos e palavras demonstrem a verdade. Esse espírito inquiridor é a própria alma do filósofo, como dito por Sócrates a Teeteto "...esse sentimento de perplexidade revela que és um filósofo, já que para a filosofia só existe um começo: a perplexidade"¹. E é essa surpresa na alma que faz com que todo o saber reunido até seu tempo encontre em Sócrates o agente separador da verdade e da mentira reunidos homogeneamente no mar do conhecimento. É ele o filósofo que, não dando resposta alguma, mas fazendo as perguntas corretas, irá identificar o agente do erro em todos os assuntos imagináveis.

Desfazendo o emaranhado mental

Heráclito de Éfeso, Parmênides, Pitágoras, Tales de Mileto e outros grandes pré-socráticos foram responsáveis pela sistematização de diferentes áreas de conhecimento e, assim, organizaram assuntos dispersos em uma escola de pensamento que, inclusive, propiciou o início de um milênio de debates profícuos, que até o séc. II d.C caminharão triunfantes rumo ao desvelar de muitos segredos na Terra e nos Céus.

Heráclito (540 a.C – 470 a.C) nasceu na Turquia, na cidade de Jônia e indignado para com a sociedade mundana de seu tempo, recusou-se a compô-la e, por isso, decidiu que viveria uma vida monástica no Templo de Ártemis. Em sua vida de retiro elaborou sistemas de pensamento que reuniam concepções anteriores em torno de uma lógica comum, como a do movimento superior e inferior, ou nas próprias palavras da filosofia heráclita, o “mover para cima” e o “mover para baixo”. Se o mundo já era visto como fruto da transformação de quatro elementos básicos da natureza: terra, água, ar e fogo, ainda não havia sido organizado o pensamento com relação a como essa transformação se dava. É então que Heráclito formula o mover para cima como sendo consequência da transformação da Terra em Água, devido ao aquecimento do primeiro elemento até o ponto de transformação; em seguida a Água também alcançando o calor necessário para sua transformação se torna Ar; e este, subsequentemente ao alcançar o fogo necessário se transforma em puro Fogo. O caminho “para baixo” é o caminho inverso, e também tem no Fogo o centro da tese, é o fogo a chave de toda a transformação, uma vez que é o calor que define o momento da transformação de cada elemento, sendo dessa forma sua própria divindade – o ser que traz à existência todas as coisas.

É do filosofo Turco o mote “*panta rei*” (tudo se move), que se tornou célebre quando da reunião de seus pensamento por seu mais ilustre aluno, Crátilo, que não apenas estudou seu mestre como expandiu suas teses para pontos extremos como o de que

“Não se pode percorrer duas vezes o mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado; por causa da impetuosidade e da velocidade da mutação, esta se dispersa e se recolhe, vem e vai.”

A personalidade de Heráclito o levou a diversos erros, sendo o principal deles o episódio de sua morte². Diante da constatação de que é impossível tocar a mesma água de um rio duas

¹ Teeteto (ou do conhecimento), 155d.

² Heráclito morreu após sofrer com edemas que lhe causavam o acúmulo demais de líquido no corpo, recusando-se a ser tratado pelos médicos de sua cidade (que julgava serem incompetentes), o filósofo acabou se consultando

vezes, o filósofo de Éfeso estendeu a conclusão pontual e transformou-a em uma cosmovisão errônea, sofismática (o sofisma é necessariamente angariado na verdade, uma mentira impossível não pode ser um sofisma, não consegue reunir as forças necessárias para causar o dano de um sofisma³). Constatando a realidade curiosa nas águas de um rio, Heráclito inicia uma escola de pensamento que trará danos quase que irreparáveis a todo o mundo helênico, a ideia de que tudo é móvel e, dessa forma, é transitório e, portanto, inútil resistir-lhe.

Em nosso tempo conhecemos bem a expressão “tudo é relativo”, e o dano moral causado é o mesmo. Se tudo é móvel, relativo, fugaz... então para quê resistir? Acontece que resistir, lutar, manter, proteger... é a ação humana fruto do sentimento de autoproteção que garante a perpetuação da vida, e essa perpetuação se dá justamente pela defesa daquilo que já foi feito com sucesso. De forma mais simples, é a repetição do que deu certo que garante o sucesso de uma espécie, desde os leões que comem zebras há seis mil anos na selva africana, aos pardais que fazem seus ninhos em árvores e barrancos desde a criação do mundo ou os gatos que ganham carinho e comida ao se mostrarem amigos de seus donos, desde a domesticação de sua espécie. Assim também é com os seres humanos, se eles persistem em um mundo atroz é porque sabem manter tradições.⁴

O erro na filosofia de Heráclito deu azo a uma sociedade que não apenas compreendeu mal o mundo físico, mas passou a ser assediada com o abandono da moral e da permanência, abrindo-se a toda sorte de esvaziamento ético e moral que apenas na geração seguinte encontrou o devido combate.

Sócrates nasceu menos de um ano depois da morte de Heráclito, e foi em sua obra que o embate com a frugalidade de todas as coisas se deu.

O ser em si e o devir

Quando Heráclito dá início a um movimento que ele mesmo não tinha forças para conter, agiu como um peão de boiadeiro que abre a porta para um bruto que não consegue domar. Foi necessária a chegada de Sócrates para estabelecer a realidade do presente e do futuro, mostrando que não é tudo futuro, movimento, *vir a ser* ou, na linguagem do próprio Heráclito, *devir*⁵. No diálogo Hípias maior (ou do belo)⁶, dá-se o seguinte colóquio entre Sócrates e Hípias:

Sócrates – Então, dirá, “também uma bela panela é algo belo?” Responde.

Hípias – De fato é assim, Sócrates, acho. Também esse utensílio, se for belamente

com um curandeiro que lhe indicou permanecer em um poço de estrume, julgando que o calor da fermentação evaporaria os líquidos acumulados em seu organismo. Heráclito, que se via como alguém por demais iluminado por ideias superiores, terminou a vida literalmente mergulhado na merda.

³ Sofisma – s. f., argumentação que aparenta verossimilhança ou veridicidade, mas que comete involuntariamente incorreções lógicas. *Houaiß*.

⁴ Ao falar sobre mutações genéticas, o físico austríaco Erwin Schrödinger (1887 – 1961) registrou em seu grande clássico *O que é a vida?*: “[...]A fim de constituiram material conveniente para o trabalho da seleção natural, as mutações têm ser eventos raros, como realmente o são. Se fossem tão frequentes e houvesse uma probabilidade considerável de ocorrerem, digamos, doze diferentes mutações no mesmo indivíduo, as prejudiciais iriam, como regra, predominar sobre as vantajosas, e as espécies, em lugar de serem melhoradas pela seleção, permaneceria na mesma ou pereceriam. O conservadorismo comparativo que resulta do alto grau de permanência dos genes é essencial”. Como se vê, até mesmo no mundo dos elementos genéticos é necessária a conservação das realizações para o sucesso da vida, pois as mutações têm por regra privilegiar as falhas.

⁵ Devir é expressão comum na leitura de filosofia, tem como significado o “vir a ser”, “tornar-se”, posteriormente escrito como *devenir* em latim. É o termo utilizado para descrever aquilo que *ainda não é*, em contraposição ao *ser*, que é.

⁶ PLATÃO. *Diálogos* – Hípias maior (ou do belo). Edipro. São Paulo, 2016.

elaborado, é algo belo, mas, no todo, ele não é digno de ser escolhido como belo em comparação com a égua, a jovem e todas as demais coisas belas.

Sócrates – Muito bem! Compreendo, Hípias, que é preciso então contrapor o seguinte contra quem pergunta tais coisas: “homem, ignoras que é correto o que diz Heráclito, que ‘o mais belo macaco é feio, comparado ao gênero dos humanos’, assim como a mais bela panela é feia, comparada ao gênero das jovens, como diz Hípias, o sábio”. Não é assim, Hípias?

Em todo o diálogo, Sócrates joga com as respostas dadas por Hípias para mostrar o quanto este é idiota, o que jamais poderia ser dito simplesmente de forma direta pois Hípias era uma sofista contratado a peso de ouro pelas autoridades gregas, e assim, via-se ele mesmo como um dos homens mais inteligentes de seu tempo. Para mostrar que sua inteligência estava mais para *de vir* do que para *ser*, Sócrates propõe uma inquirição acerca “do que é o belo”. Nessa jornada o filósofo derruba um a um dos sofismas apresentados pelo soberbo interlocutor, chegando ao ponto de descer aos mais baixos exemplos do cotidiano para mostrar que Hípias não alcançava o ponto vital da discussão sobre o mundo natural, o *ser*.

O dano que a escola de Heráclito causou ao pensamento de seu tempo fica claro neste diálogo, Hípias não consegue (lhe é impossível) pensar a partir da existência, considerando tudo unicamente sobre o aspecto mutável, da possibilidade e da comparação. Não consegue ele imaginar que existe algo que seja belo em si mesmo, mas apenas comparado a outro. É aí que Sócrates lança uma alegoria das mais simplórias, ao falar sobre a beleza de uma panela (ou um pote, em algumas traduções). Uma panela de barro bem feita, é uma bela panela? Hípias vê-se forçado a concordar com o óbvio, mas imediatamente emenda “mas não é digno de ser escolhido como belo em comparação com a égua”. É aqui que o filósofo queria chegar, pois sua filosofia é baseada no mundo natural, e há sim elementos belos na natureza, e belos em si. A bela panela é bela em si mesma, e bela porque contém beleza, assim como a musa, a torre ou a planície pode também ser bela por conter beleza. O belo não é belo apenas comparado ao feio, mas belo em si mesmo. O problema de Heráclito é que aceitar a existência do belo torna obrigatório aceitar a existência de um elemento pleno e independente, que não existe apenas comparativamente a outro, mas tem origem e fim em si mesmo, o que só pode existir, coexistindo no Todo. Ou seja, se há o adjetivo belo, há o Belo substantivo.

Inescusável a filosofia relativista, toda ela busca sempre desviar-se da regra natural de Origem. Tanto Heráclito quanto Kant, Trasímaco e Nietzsche, todos querem alcançar a existência sem o Princípio, trazem uma filosofia da construção pelo acaso.

O homem como origem e fim

As duas linhas de pensamento mais conhecidas na Era pré-Cristã (estendendo-se inclusive para os primeiros séculos da Era Cristã), foram o estoicismo e o epicurismo. A respeito delas, G. E. R. Loyid escreve:

Ambos, epicureus e estoicos dividem a filosofia em três partes, ética, física e lógica, e ambos subordinam a física e a lógica à ética. Ambas as escolas insistem que o objetivo principal da filosofia é garantir a felicidade, e que para um homem ser feliz ele precisa estar livre da ansiedade e do medo. Considerando que o homem continuará sendo afetado por medos irracionais enquanto for ignorante quanto às causas dos fenômenos naturais, ele deve estudar tanto a física como a filosofia moral.

Apesar de Epicureus e Estoicos discordarem quanto a questões do bem maior e muitos problemas fundamentais em física, ambos sustentam que o principal motivo para investigar o fim é obter paz de espírito.⁷

É preciso entender o anseio estoico e epicureu para entender o anseio social da Era Pré-cristã. Falar sobre os três séculos antecedentes ao nascimento do Salvador é falar sobre o motivo de sua chegada e entender “a plenitude dos tempos” de que fala o apóstolo Paulo. A humanidade buscava a realização espiritual após entender a matéria, naturalmente dava-se uma busca pela satisfação pessoal em um mundo onde passava a ter cada vez mais importância o indivíduo, e não mais apenas a família ou a nação. No destaque acima, Loyid aponta com exatidão a força que movia os indivíduos naquele tempo: a busca pela felicidade. E essa busca em um tempo de guerras onde impérios se sobreponham e, a partir do domínio helênico o mundo conhecerá a dominação romana por cerca de quinhentos anos, a felicidade é um bem naturalmente relacionado à paz. Não mais a prosperidade em um mundo sem fomes e pestes, já há o avanço da agricultura e da medicina, é preciso buscar o fim dos conflitos e a pacificação entre povos, o que parece vir a ser realidade por meio da dominação do mundo por uma grande força pacificadora, um Império de paz.

Epicuro (341 – 270 a.C) nasceu em Samos, Atenas, e sintetizou esse espírito de busca pela felicidade no mundo grego ao tecer toda sua filosofia sobre as bases de que “não há outro fim para o conhecimento do que há nos céus que a paz de espírito e a firme convicção”. De acordo com seu pensamento, o mundo era composto por átomos e espaço (vazio), sendo tudo o que chamamos de realidade não a concretização da vontade dos deuses, mas apenas a combinação resultante do choque dos átomos nesse infinito vazio chamado universo. Assim, Epicuro propõe que o pensamento de seu tempo busque não mais a compreensão da vontade divina, mas a compreensão da lógica por trás do movimento, ou para usar sua própria expressão, “entender os fenômenos”, e assim ter total capacidade de previsão do futuro, o que concederia ao homem previsibilidade sobre tudo e, consequentemente, o fim de todo medo.

A compreensão epicureana de que o homem só não é feliz porque tem medo e que o medo é fruto do desconhecimento do porvir, marca o homem de seu tempo, e na esteira vem o pensamento estoico fundado por Zenão (333 – 263 a.C). Nascido na ilha de Chipre, o filósofo grego considerado fundador da escola estoica juntamente com Cleantes e Crísipo, buscou em essência o mesmo que Epicuro, a paz de espírito, divergindo deste apenas quanto a concepções no campo da física. Enquanto Epicuro via o mundo como a consequência material do movimento de átomos em um vazio infinito, Zeno defendia que o vácuo existe no Universo (ou no “espaço”, como costumamos falar atualmente) porém no planeta Terra ele inexiste, sendo a movimentação atômica em nosso planeta semelhante à movimentação dos peixes no mar, um movimento de seres que se movem em um meio repleto de substâncias.

Essa divergência no campo da física não demoveu a escola estoica da busca pela felicidade, caracterizando seu exercício em busca da paz interior com a fortificação do indivíduo a ponto de o tornar inabalável, e essa solidez moral e espiritual deveria ser guiada por exercício positivista de toda realização, o direcionamento dos atos pela razão. O estoicismo é indiscutivelmente a filosofia que dominará em âmbito geral o pensamento do mundo pré-cristão e, inclusive, entrará na Era Cristã como o grande consenso filosófico a ser combatido inclusive

⁷ LOYID. G. E. R. *Greek Science after Aristotle*. W. W. Norton & Company. New York, 1973. Tradução nossa.

pela Igreja, que vê um mundo reduzido à razão a tal ponto que aceitar a Boa Nova é também indiferente.

Enquanto Paulo esperava por seus companheiros em Atenas, ficou profundamente indignado ao perceber que a cidade tinha ídolos por toda parte. E sobre esse tema dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios obedientes a Deus, bem como na praça principal, diariamente, a todos aqueles que ali estivessem. Então, alguns filósofos epicureus e estoicos começaram a argumentar com ele. Alguns indagavam: “O que deseja comunicar esse tagarela?” Outros comentavam: “Parece ser um anunciador de deuses estranhos”, pois Paulo lhes pregava as Boas Novas de Jesus e a ressurreição. Por essa razão, o levaram a uma reunião no Areópago, onde lhe questionaram: “Podes revelar-nos que nova doutrina é essa sobre a qual dissertas? Pois estás nos apresentando pensamentos estranhos, e desejamos compreender o significado de tais ideias”. Porquanto os cidadãos de Atenas, assim como todos os estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outro assunto senão falar e procurar saber as últimas novidades. – At 17.17-21

Eis o porquê de ser necessário entender a filosofia de antes de Cristo, é um erro imaginar que a Filosofia só atingia as elites, ou que a Filosofia não gerava mais que produtos intelectuais dentre os ociosos das grandes cidades. O que se discutia no areópago⁸ era transformado em doutrina religiosa e política de estado. “Os cidadãos de Atenas não se preocupavam com outro assunto senão falar e procurar saber as últimas novidades”, eis aqui o alcance do epicurismo e do estoicismo.

Um universo cristocêntrico

Após a fundação da Igreja, não demora para que toda a ordem social seja perturbada e os elementos do universo passem a ser repositionados, cada um para seu devido lugar. No livro de Atos dos Apóstolos, vemos no capítulo 4 um desses episódios:

Enquanto Pedro e João estavam falando ao povo, chegaram os sacerdotes, o capitão dos guardas do templo e os saduceus. Eles estavam muito perturbados porque os apóstolos estavam ensinando o povo e proclamando em Jesus a ressurreição dos mortos. Então, prenderam Pedro e João e os lançaram ao cárcere até o dia seguinte, pois já estava anoitecendo. Entretanto, muitos dos que tinham ouvido a pregação aceitaram a Palavra, chegando o número dos homens que creram próximo de cinco mil.

No dia seguinte, reuniram-se em Jerusalém as autoridades, os líderes religiosos e os mestres da lei. Estavam reunidos Anás, o sumo sacerdote, bem como Caifás, João, Alexandre e todos os que eram da família do sumo sacerdote. Ordenaram que Pedro e João fossem trazidos à presença deles e começaram a interrogá-los: “Com que poder ou em nome de quem fizestes isso?” Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes declarou: “Autoridades e líderes do povo! Visto que hoje somos questionados em relação a um ato de caridade praticado a favor de um homem doente e sobre o modo como foi curado, tomai conhecimento, vós todos e todo o povo de Israel, de que, em o

⁸ A “Colina de Ares” era o local em Atenas onde o Conselho se reunia para deliberar sobre assuntos de importância para a cidade, seja religião, ciências ou filosofia em geral.

Nome de Jesus Cristo, o nazareno, aquele a quem vós crucificastes, porém a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, por intermédio desse Nome é que este homem está aqui, diante de vós, plenamente curado! Este Jesus é ‘a pedra que foi rejeitada por vós, os construtores, a qual foi posta como pedra angular’. E, portanto, não há salvação em nenhum outro ente, pois, em todo universo não há nenhum outro Nome dado aos seres humanos pelo qual devamos ser salvos!” – At 4.1-12

As verdades reveladas pelo apóstolo Pedro são duras (vocês mataram o Cristo de Deus) e de ordem superior (Jesus é a pedra angular). Esse reposicionamento recoloca o homem em seu devido lugar (Inferno) e revela a posição de Cristo (Céu), e apenas depois desse rearranjo vem a posição da Igreja (anunciar o Nome pelo qual devemos ser salvos). De forma ainda mais ampla, o Evangelho de Cristo vem para reposicionar todos os elementos do cosmos:

“Porque Adão foi criado primeiro, e Eva depois” – I Tm 2.13

“[...]desejo que entendais que Cristo é o Cabeça de todo homem; o homem, o cabeça da esposa; e Deus, o cabeça de Cristo”. – I Co 11.3

“Ele existe antes de tudo o que há, e nele todas as coisas subsistem. Ele é a cabeça do Corpo, que é a Igreja.” – Cl 1.17,18

“Quando considero os teus céus, o trabalho dos teus dedos, a lua e as estrelas que tu ordenaste; o que é o homem, para que sejas cuidadoso com ele? E o filho do homem, para que o visites? Porque o fizeste por um pouco, menor do que os anjos, e o coroaste com glória e honra. Tu fizeste com que ele tivesse domínio sobre as obras de tuas mãos; tu puseste todas as coisas debaixo de seus pés: Todas as ovelhas e bois, sim, e os animais do campo; as aves do ar, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.” – Sl 8.3-8

Tais ensinamentos não são dados como ordenamentos “o homem deve ser a cabeça”, “Jesus deve ser considerado anterior a tudo”, “o homem é como que criado pouco menor que os anjos”... antes, são revelados “Adão foi criado primeiro”, “Ele existe antes de tudo”, “o fizeste menor do que os anjos”. Nem Epicuro, nem Zenão ou qualquer outra escola filosófica alcançou a compreensão do mover do Espírito e a ordem da criação; os átomos não se movem no vazio dando origem às coisas, antes tudo se move em Cristo e n’Ele existe (At 17.28).

A herança platônica e aristotélica

Falar sobre a filosofia em sua Era de Ouro e ignorar Platão e Aristóteles parece a nossos olhos o maior erro a ser cometido, porém é curioso ver como ambos os filósofos (juntamente com Sócrates, representado em seu maior propagador, Platão) tiveram sua grandeza revelada com o tempo, sendo trazidos à superfície e dominando o cenário do pensamento à medida que os séculos se passavam a o filtro do tempo colocava à prova as demais escolas de pensamento.

Enquanto em Platão a filosofia tratou dos temas gerais e lançou as bases para a descoberta do ser (em oposição ao estar), em Aristóteles lançou-se ao estudo minucioso das descobertas⁹ em diferentes campos do saber. Ainda hoje o mundo acadêmico trabalha sobre as bases acadêmicas de ambas as escolas (a Academia, de Platão e o Liceu, de Aristóteles). Como bases do pensamento humano, o produto inteligente de ambos os filósofos não atrapalhou o desenvolvimento intelectual e muito menos a expansão da Igreja, uma vez que não apenas não se opunham à descoberta do divino, como até mesmo caminharam em sua direção, chegando o mais próximo que a mente humana pode chegar da Verdade que só pode ser conhecida por revelação.

Conclusão

O que vemos na Era Moderna com o abandono do pensamento e a consequente entrega “aos cientista” de toda a matéria do pensar não teve paralelo na história. Em Epicuro, a comunidade de seus seguidores abandonava a vida em sociedade para viver em uma comuna no Jardim de Epicuro – como era chamada a residência daquele filósofo, localizada entre Atenas e o Pireu. Com Zeno (e os demais estoicos) seus seguidores viviam à parte das decisões políticas de Atenas, não obstante serem parte do mundo em que viviam, inclusive influenciando grandes líderes a viver praticando o estoicismo, praticar ações boas em um mundo de discussões religiosas e éticas. Os platonistas e aristotélicos lançaram-se em centros de estudos e organizaram as primeiras bibliotecas, dedicando suas vidas à busca da compreensão de todas as coisas, sem jamais tornarem-se eremitas ou adotarem uma vida monástica. O pensamento nunca foi, como o é hoje, apartado da vida humana. O nível de hedonismo que vemos na sociedade atual não foi sequer sonhado pelos epicureus! O mundo de hoje é ele todo um grande Jardim de Epicuro, com uma sociedade que opta por não pensar, apenas sentir os prazeres disponíveis ao alcance das mãos.

O trabalho da Igreja ao longo do tempo é devolver ao homem sua característica perdida no Éden, a semelhança com Cristo¹⁰.

Fernando Melo
Brasília, 2 de fevereiro de 2022

⁹ Nesse sentido vemos, por exemplo, o maior campo de atuação de Aristóteles, a biologia, matéria de maior dedicação do autor e que influenciou não apenas seu tempo, mas avançou inclusive para além da Era Cristã.

¹⁰ Ponto vital da teologia de Irineu de Lyon (130 – 202 d.C) foi a defesa de que o homem foi criado à imagem e semelhança para com Deus, tendo perdido após o pecado no Éden apenas a semelhança, ou seja, o agir como Deus, e mantido sua imagem (à qual é impossível de ser perdida). O novo nascimento em Cristo propicia ao homem essa reconstituição prática, transformando aquele que nasce do Espírito para que, a partir de então, possa ser um cristão, imitador dos atos de seu Mestre. (ver *The Early Church*, de Henry Chadwick, p. 80).